

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por m^{ez.} 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ÓRGÃO LITTERARIO, INDUSTRICO E ARTISTICO
DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

Anno I.

Desterro - Domingo 30 de Novembro de 1879

N. 56

O ARTISTA

Desterro, 30 de Novembro de 1879.

Reflexões sobre a instrucção popular.

V

Quem não tem desenvolvida a inteligencia ou tem corrupte o coração (hasta uma destas causas) não vive da plenitude da vida, é um ente semimorto, incompleto! (Dr. Antonio de Macrício Costa.)

Desenvolvemos um ponto que já toca mos de leve; — que as intelligencias são iguas.

Supponhamos que temos diante de nós vários lampões acessos; a matéria contida é a mesma, a fuz a mesma.

Entretanto, aos nossos olhos, a luz não parece a mesma.

Mas qual a razão?

E' porque os vidros são uns mais claros que os outros.

Tomae aquelle vidro tisnado, lavai-o limpaí-o; e vereis que nello transparecerá uma luz igual à que penetra aquell' outro vidro claro.

A intelligencia é a luz.

Consérve-se illeso o seu organo; e elle se manifestará como a intelligencia do que chamais uma capacidade.

A intelligencia é o sol.

Hontem estava o céo nublado e sombrio; hoje o céo limpidó é sereno; — eis a afração por que hontem o sol não mostrava a mesma luz que hoje derrama no horizonte.

Diricis, por ventura, que, o sol de hontem não é o mesmo sol de hoje? ...

Arredai, pois, a nuvem que ao povo encobre o sol da intelligencia; e vel-aheis bella e radiante! ..

Si no posso povo ha muita ignorancia, é, também, certo que não nos fallecem talentos!

Eis porque mais lastimamos a falta de instrução popular.

Como já dissemos, podem-se dizer boas as nossas educaçãoes physica e moral mormente a physica.

Não nos faltam bellas cabeças, frontes espacossas, olhos brilhantes, cerebros bem conformados.

Não nos falta o combustivel; falta-nos o fogo!

Não nos faltam lampadas nem azeite; falta-nos quem as accenda!

Relâmpo nas trevas o lume da animação; reluzam os olhos da solicitude; e jorrarão no espaço canticas de luces!

Appareçam novos Moysés que com a vara toquem os duros rochedos; que d'elles jorrarão brilhantes e crystallinas fontes!

Ferros fecundos não nos fallecem; não nos faltam sementes; faltam-nos semeadores!

O fundo do mar esconde milhões de perolas; o centro da terra milhões de pé-

dras preciosas; mas fallécem-nos mernulladores e garimpeiros!

No nosso negro horizonte não apparecem muitas estrellass, porque faltam-hos telescopios.

Nas coisas pequeninas não vemo mundos porque nos fallecem microscopios!

Instrucción, pés, no povo!

Levante-se algum apostolo e abra os olhos a esse cego; que elle ha de ver, como viam os cegos cujos olhos tocava o Christo!

Desça do Sinai do poder algum Moysés que despedaço o bezerro de ouro e apresente ao povo as tibias da lei!

E' necessário que se levantem os novos apostolos; é mister que nelles arda a fe dos antigos; é mister que elles digam ao povo a este grande paralytic:

Leyanta-te e anda.

Surge et ambula.

Praia Comprida 19-9-79.

W. BUENO.

LITERATURA

Uma visita ao Hospital

Amour d'une mère, amour que nul l'oublie.

Era a hora do crepusculo.

O sol já se enebaria por traz dos pin-

— Como! não queres vir comigo?

— Não, porque é que eu o hei de acompanhar? Eu não o amo. Roubo-me a viva força, não quero seguir-o. Ernesto! Ernesto! por aqui!

— Ernesto! Ernesto! murmurou o bandido. Ah! então eras tu que nos trahias.

— Senhor Louet, exclamou Zephyrina, acuda-me, se é homem! Socorro!

— Vi brilhar a folha de um punhal. Eu não tinha armas; agarrei no cabo de violoncello, levantei-o como um cacetô e ferri tamanha bordoadia no crânio do capitão que o instrumento arrombou-se e o capitão ficou com a cabeça mettida dentro do violoncello.

Ou por causa da violencia da pancada, ou da surpresa de se ver com a cabeça instrumentada, o capitão abriu os braços

FOLHETIM 30

IR A ROMA E NÃO VER O FAPA

PO

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

N^o, esse momento ouvimos uma voz gritar:

— Pára, miserável! pára! espera-me!

— Ernesto! exclamou Zephyrina, a voz de Ernesto! e correu para a abertura da gruta. Ao mesmo tempo entrou o capitão, todo coberto de sangue.

— Zephyrina, bradou elle, Zephyrina onde estas tu?

Mas como vinha da luz e os seus olhos não estavam ainda habituados à escuridão, não nos pode ver.

Zephyrina fez-me signal para me calar.

O capitão esteve uma instanto como que deslumbrado, depois os seus olhos imergiram em todas as profundezas da gruta, e então viu-nos.

Deu um pulo para nós, um pulo de tigre.

— Zephyrina, porque me não respondes quando eu chamo? Vem.

Agarrou-lhe no braço e quiz levá-la para a porta do fundo.

— Paró onde me quer levar? para onde? exclamou a pobre creança.

— Vem comigo, anda.

— Não quero ir contigo, disse ella torcendo-se.

caros dos montes fazendo espargir o bri-
lho de seus raios no inquieto oceano.

O Espaço immenso vestia-se com seu
lindo manto de purpura azul escuro, ta-
pisado de estrelas diamantinas.

Chegava eu n'aquele momento com-
pletando o curso de uma longa viagem e
destinava-me a visitar o Hospital de...
(que tem um grande cemiterio...), pois
disserão-me estar lá minha mãe.

Dirigi-me, pois, a esse logar.

Logo que fui chegado subi as escadas e
transpuz os humbracs da porta da en-
fermaria das invalidas.

Que triste e amargurado espectaculo!

As lagrimas enlacavão-se as dores,
estes aos ais do coração e estes ao deses-
pero d'alma.

Umas cegas, mudas, outras paralyti-
cas, outras inutilizadas completamente
pela morfēa.

Emfim... causou-me dô!!

Cravei bem meu olhar sobre resultado
em todas elas a ver se reconhecia mi-
nha mãe.

Depois d'instantes soltei um ai que
preso ao coração como o jassarinho pre-
so a gaucha, mais se parecia ao arranco
terrivel de um fiado.

Tinha descoberto uma misera, pallida
cadaverica de faces encovadas; era mais
um especieiro que jazia deitado do que um
vivente.

E' era minha pobre mãe!

Ao apprroximar-me d'ella, ao vel-
a n'aquele doloroso estado não pude sus-
ter segundo grito, mas um grito de dor
arrancado bem do fundo das entradas,
um grito concentrado.

Senti a fronte arder-me e levei a mão
às faces maceradas, geladas como mar-
more para apagar una lagrima raiosa
que me pullulava dos cílios indo juntar-
se aos ais de dor de meu louco coração.

Senti que meu cerebro tremia como
um horrivel pesadelo.

A vista mal distinguia os objectos;
estava n'um completo espirro.

Ia cahir.

Tentei segurar-me nas colunas do
edificio; porém mesmo esse esforço foi-me
infuctifero.

e deu tamanho beiro que toda a gruta
tremeu.

—Zephyrina! Zephyrina gritou uma
voz lá fora.

—Ernesto! Ernesto! exclamou a
menina correndo para a abertura da
gruta,

—Menina Zephyrina! exclamei eu
tambem seguindo-a, atterritado com o que
eu proprio acabava de fazer.

Como já disse, aquella rapariga era
leve como uma corça; já estava nos bra-
ços do seu oficial. Eu fui-me esconder
atraz d'elles.

—Acolá bradou o joven temente mos-
trando a entrada da gruta a uma duzia
de soldados que se tinha approximado o
que logo ocorreraam ao sitio indicado. Es-
ta ah! Tragam-n' o morto ou vivo.

Reapareceram dahi a cinco minutos;
só tinham encontrado o violoncello com

Os joelhos vergarão-se-me, e fiquei
prostrado ao ver aquelle drama de la-
grimas.

Eno encanto meus labios tremulos
deixarão fugir estas paivras:

«E ella... minha mãe não me raco-
nheceu!...»

Depois de alguns instantes de medita-
ção, pouse levantar-me e encaminhei-
me entço triste e pensativo para a Ca-
pela.

Quem me olhasse, veria em mim um
cadaver.

CRUZ.

Continua

POESIAS

Constancia

Eu podia prender-me à formosura
que da face e do corpo te irradia
—amante do ideal tanger a lyra
que tu alitas no amar tardia.

E dobrar-me no ether, attrahido
ao sensual mysterio que latente
—como da flor derrama-se o perfume—
te resulta de fronte docemente.

Em pure contemplar: por tantas dobras
do vestido que o marmore cortara,
entre flores e fitas e belleza
amaria talvez quem não te amara.

Mas curvo-me, perdoa, à outra esphera
semelhante em pallor e formosura,
onde a par dos resplendentes devaneios
eu sonho os devaneios da ventura;

assim querendo em hora me elevar
aos mares azuis do idealismo
Sigo—atado o pulso—a luz que prende
desse mundo de alem do fatalismo:

Mas com isso não deixó realmente
embora em toscos sons que aqui desfruto
de ver nos olhos teus—o que desejo
de ver nos labios teus—o que aspiro!

o buraco da cabeça do capitão, que se sa-
fara pela outra porta

—Olha, Ernesto, disse Zephyrina,
aqui tens o meu salvador. O punhal es-
tava já no meu peito, quando elle veiu
em meu socorro. Porque eu nunca ti-
nha querido cederão monstro do capitão,
e elle preferia matar-me ver-me per-
tencer a outro.

—Devéras! disse Ernesto.

—Ah! meu amigo, pois podes suspei-
tar? Pergunta ao sr. Louet.

Percebi que era chegada a occasião e
aproximei-me.

Juro-lhe, disse-lhe eu...

Está bom, disse Ernesto, nada de ju-
ramentos. Pensa que não creio nas pa-
lavras d'ella?

—Parece-em agora, sr. Ernesto, que,
visto o capitão ter fugido, o melhor que

E mesmo olhar-te mais fôra cegar-me
nos encantos talvez de uma surpresa
—render-me à outro ceo, deixar o outro
—nascer da morte d'uina, outra belleza!

O que é bello de ver, prendendo a alvura
das luzes de uma scisna radiante
e teraos pés, captivas, humilhadas,
as rimas do poeta que é amante;

E ter mais quem não deixa realmente
o que no verso doudo não transpira
de ver como abelleza em ti se forma
—De ver nos labios teus—o que aspiro!

1879.

A. VALPORTO

A noite da procella

por

B. CARVALHO D' OLIVEIRA
Off. ao Amigo B. Varella

I

São horas mortas.... No espaço
Perpassa envolta em veo-baço
Pallida luna...
Mas, lá no mar velejando,
Co'as ondas bravas luctando,
Baixel fluctua!

Na tormenta qu'esbraveja,
No baixel qu'alem veleja,
Que se sacode,
Quem, co'a fera tempestade
Pra lutar, temeridade
Ter tanta pode?

Que caso de tanta urgencia
Pôude dar tanta imprudencia,
Sem um reccio,
Aq' louco arraial destemido,
Cem' um duende surgido
Dá noite em meio?

Quem ponde d'aquella alma
Apagar a luz e a calma
Da rasa santa?
Quem ponde? p'ra que, tão louca,
Seja cega, seja mouca,
De mudacia tanta?

temos a fazer é pôr a menina Zephyrina
em sitio seguro.

—Tem razão, sr. Louet. Vem, Zephy-
rina.

Voltâmos para o palacio: mas antes de
lá chégarmos, tivemos de atravessar o
campo da batalha. Vimos talvez dez
ou doze mortos. A' entrada do palacio,
estava um cadaver estendido nos de-
graus.

Tirem isso d'ahi, disse para dois sol-
dados um cabo já idoso que vinha ao nos-
so lado.

Os dois soldados viraram o cadaver
que estava de barriga para baixo, e re-
conheci o ultimo dos Beaumanoir.

—Não fizemos mais do que passar pelo
palacio. O sr. Ernesto deixou ali guar-
nição, depois metteu-me n'uma carru-
gem com a menina Zephyrina, e Ernesto
a frente de doze homens bem armados
servia-nos de escolta. Escuso de lhe

Seria a desesperança?
Ou sede de airoz vingança?
Ou juramento?
Ou seriação de nobreza,
D'alua boa da grandeza,
Um sentimento?

O baixel quase se afunda
Pela vaga que lhe inunda
Estrepitos!
E o arrais tão impassível
Naquelle scene terrivel,
Tempestuosa!

O Neptuno ensurecido
Parce que não destemido
Busca engulir!
Que o diz o fundo te mende!
Não querio que visse acende
Tu tentas ir...

São horas mortas... O vento
Esgalha os cedros violento
Desfolha as flores!
Zume no paço e na choca...
Fazendo na mata mossa...
Fazendo horrores!

Que tempestade! que noite!
Elo d'empunha açoite
Voa furente!
Louco arrais! tão temerario,
Não temos neste scenario
O omnipotente??

Continua

COLLABORAÇÃO

O casamento actual

O casamento não é mais do que a união de duas pessoas que se amam.

Muitos dizem que elle é também a base da família; isto é, a origem donde ella se deriva.

Não dizemos o contrario; mas também o amor pode ser a base da família.

No primeiro caso, o casamento, é a base da família, quando duas pessoas unem-se pelos laços do hymenio; no segundo, quando pelos do amor, isto é, quando um homem e uma mulher ligam-

dizer que não deixei ficar nem os cem escudos, nem a espingarda, nem a bolsa de caça.

Só do que eu tinha pena era do meu pobre violoncello. A menina Zephyrina essa parecia não ter pena de coisa alguma, porque estava como doida de alegría.

No fim de uma hora de caminho pouco mais ou menos, vi no horizonte uma grande cidade com uma cúpula enorme.

— Sem indiscrição, sr. Ernesto, disse eu mettendo a cabeça pela portinhola, posso-lhe perguntar que cidade é esta?

— Esta cidade.

— Sim.

— Esta que está diante de nós?

— Sim senhor! essa que está diante de nós.

— Ora essa! é Roma.

— O que! é Roma? Deverás?

— Poderá!

se sem prestarem juramento perante o altar.

D'aqui conclue-se que a familia pode ter duas bases: uma o casamento, outra o amor.

O que dissemos não passa de uma simples reflexão: o nosso fim é demonstrar o estado a quo tem chegado o casamento na quadra actual.

Antigamente, isto é, no tempo em que as leis sociaes não eram tão desarrolladas como agora, quando duas pessoas se amavam, não se olhava a posição de nenhuma d'ellas; deixava-se-as casar.

Actualmente, é o contrario: as antigas leis foram desprezadas e criadas novas, cada uma d'ellas mais ridicula.

Não se offendam os socialistas com o que dissemos: isto não é mais do que uma comparação do passado ao presente.

Quando um moço e uma moça se amam, os pais de ambos tractam logo de indagar da posição dos amantes.

Acontece que o moço é pobre de bens, mas rico de honra, os pais da moça não querem saber de mais nada, rompem o casamento.

E' ou não verdade?

Porque rompêram o casamento?

Porque o moço não estava nas circunstancias de possuir a moça nem está de receber o nome de um homem pobre, e o que respondem os pais.

Porem si elle for rico, embora pobre de honra, com um nome comprado a pessoa d'ouro, os pais da moça approvam a união, applaudidos pela sociedade, que publica, mentindo, todas as qualidades do individuo, porque elle é rico!

Porque é que a sociedade aprova a união do rico e reprova a do pobre?

Porque é rico tem ouro?

Porque com o outro se alcança tudo. Repetimos a pergunta: E' ou não verdade?

O homem pobre é um ente despresivel ignobil, aos olhos da sociedade; ao passo que o rico é estimado, adulado, embora pauperrimo de honra!

Conhecemos que estas palavras forem profundamente à sociedade, mas é preciso dizer a verdade.

— Pois senhor, disse-lhe eu, estou satisfeitosíssimo, palavra de honra que estou satisfeitosíssimo. Tive sempre muita vontade de ver Roma.

Duas horas depois fizemos a nossa entrada em Roma, por que era Roma efectivamente.

— E viu o papa? perguntei eu, porque se bem me lembra, era esse um dos seus desejos, sr. Louet.

— Não senhor, não vi o papa, respondeu-me o sr. Louet, porque a esse tempo, como há de saber, estava esse respeitável velho em Fontainebleau, mas vi-o depois a elle e aos seus sucessores; porque, tendo-me obtido o sr. Ernesto um lugar de quarteto violoncello no theatro Della Valle, por alli estive ate 1830. E quando em 1850 voltei a Marselha, como tinha estado ausente vinte annos, não me queriam restituirmo meu lugar na orchestra; tomavam-me por um falso Martin Guerra.

A sociedade deve bascar-se em princípios puros, deve ter por divisa a verdade e não a mentira, deve ter em seu seio homens sinceros, e não fagalhés que nada valem, que julgam que quem tem ouro, esse vil metal que tantas desgraças causa, tem tudo.

Nós, que vemos tudo pelo prisma da philosophia, que descortinamos a verdade, ainda que esteja encoberta pela mentira, não podemos deixar de rir á vista d'esta fatça tão ridicula.

A sociedade actual em nada se parece com a antiga.

O que uma fez a outra faz.
Uma queria a honra a outra ambiciona o ouro.

O que é a riqueza, senão um monumento de bella archiectura, mas de fraca construcção, que, quando si não espera, desaba?

O que é a riqueza, senão um sonho, uma embriaguez, cujo fim, muitas vezes é fatal?

O nosso fim não é censurar os ricos, e sim mostrar á sociedade o caminho errado que segue; e prophetizar-lhe o abyssmo que espera.

Mas voltemos ao casamento:
Acontece que um moço rico ama, ou antes, finge amar uma moça, que despresa-o.

Os pais, deslumbrados pelo ouro, arrastam a pobre filha ao altar e a unem ao homem infame, que prevalece-se do seu ouro para satisfazer os seus desejos.

Nesse casamento ha amor?
Não! Ha ambição!

E qual a consequencia desse consorcio?
O divócio.

Então os pais conhecem o seu erro, mas já é tarde, o mal está feito.

Mas si em lugar do rico for um pobre, o caso é outro.

Antes que o mesquinho declare o seu amor, os pais lhe bradam:

Não! tu és pobre! não tens nome!
Porque é que preferem o rico ao pobre?

Todos nós não descendemos da mesma raiz? Não somos irmãos?

Miserias da sociedade que provocam o riso aos homens sensatos.

— E Zephyrina.

— Ouvi dizer que tinha casado com o sr. Ernesto, cujo apellido nunca soube, e que estava uma senhora muito distinta e muito honesta.

— E o capitão, nunca mais ouviu falar n'elle?

— Ouvi, sim, senhor, tres annos depois, apanharam-no no theatro Della Valle, e tive o sentimento de o ver enforçar.

— E aqui está como, por me ter esquecido de descarregar a espingarda, que em consequencia d'isso não fez fogo capazmente, e fez com que me escapasse um chastre, eu fui até a Italia e estive em Roma vinte annos.

— Felizmente, disse o sr. Louet, mostrando-nos Jadin e os outros dois convivas que ressohavam, estes senhores foram tomando algum somno adiantado.

FIM.

CORRESPONDENCIA EUROPEA

Paris, 31 de Outubro de 1879.

Sa ordem do dia da Europa ha uma questão neste momento que leva de vencida a todas as outras, e que tem o privilégio de prender todos as attenções. E' a questão social.

Em França, os communistas amnistados, que regressão do degrado da Nova Caledonia, apresentam candidatos em Paris e Lyão, e os candidatos são eleitos.

Na Italia, o tribuno Canzio, genro de Garibaldi, diz aos homens do povo que a espingarda é a única pena de que devem lançar mãos para lavrarem, em paginas de sangue, as suas reivindicações.

Na Alemanha, o governo, a despeito da sua famosa lei contra os socialistas tem visto alguns d'elles entrarem triunfantes para o parlamento.

Na Russia, os nihilistas exforçam-se por desmoronar a sociedade, reduzindo-a a nada para construir em outra mais consentânea com as suas aspirações.

Na Grã-Bretanha, a chaga incurável do pauperismo juntou-se a questão agrária; o deputado Parmell agita os Irlandeses que querem livrar-se das exacções dos grandes proprietários d'esses fumigerados *landlords*, vergonha e castigo d'aquelle livre paiz.

Vejamos, pois, o que podem e aque as-pira os operarios.

Justamente temos agora em Marselha um congresso de operarios e que assistem delegados de todos os misterios: carpinteiros, marceneiros, pedreiros, ferreiros, padeiros, tipógrafos, pasteleiros e outros ofícios em eiros.

Ao lado de mil solemnies frioleiras como se ouvem dizer os delegados de todos os congressos presentes, passados e futuros, aqui e acolá, surgem algumas, verdadeiras que é bom meditar. Numa das ultimas sessões um orador proclamou a necessidade de formar na nação um Estado novo, o grande partido dos trabalhadores, assim de estabelecer-se definitivamente o reinado da Revolução.

Ora quer me parecer que o orador, pedindo que só esse novo partido governante estabelecesse um privilégio a favor dos operarios quer suprimir a igualdade dos cidadãos. Certo a sociedade tal qual existe não é perfeita; a perfeição não é deste mundo nem do outro mundo. Digão lá os damnados. Mas é tempo de reagir contra esses sonhos loucos.

Na nossa sociedade, n'esta sociedade europeia, como na sociedade brasileira, que é para lastimar, sobretudo e sobre todos, não é operario, é o empregado é o homem de modesta profissão liberal que passa a vida a trabalhar carregado de família, e morre pobre, com uma aposentadoria mesquinha, sem jamais levantar-se do estado humilde em que esteve.

Passo sem transição a outro assumpto O Mundo litterario acha-se abalado.

Emilio Zola o denodado campeão do Realismo encetou no jornal *Le Voltaire* a publicação de um novo romance intitulado *Vana*.

E' a historia de uma dessas Messalinas que chegam por aqui a rôdo, e que saídas das infimas camadas do povo repõem-se em carruagens de luxo no Bosque de Bolonha. O romance é intraduzivel e ainda mesmo aquelles dos nossos patricios que sabem perfeitamente a lingua francesa terão muito trabalho para o comprehenderem. Está escrito na mais chula geringonça de Páris, e contém quadros tão indecentes que é difícil analyssar a obra. O *Voltaire* gastou mais de quarenta contos de reis para anunciar essa obra *urb et orbis*. Qual a obra prima que jamais custou tanto dinheiro ou deo ao seu autor tanto lucro?

Na Hespanha tem havido paverosas inundações, especialmente na província de Murcia. Paris, que não é somente a capital dos prazeres, vangloria-se de ser a capital da caridade, está preparando festas punca vistas para socorrer as victimas d'esse desastre. Os joiares de todos os matizes reuniram-se, e estão arranjando uma festa esplendida.

Os teatros estão todos abertos. Esta noite vai à cena um drama - *Os Mirmecos* de Julio Chavet, esse escritor que embora não conte 40 anos de idade, é ilustre, como jornalista político, folhetinista, historiador, poeta, autor dramático e romancista. O teatro italiano prepara-nos uma estação brilhantissima e já que possue, à frente da companhia, o nome da incomparável cantora Adelina Patti.

NOTICIARIO

Jornais

Agradecemos as respectivas redações remessa dos periódicos seguintes:

Despertador, Regeneração, Municipio, A Verdade, Conservador, A Gazeta de Uberaba, O Orbe, Gazeta de Joinville, Nova Aurora, O Povo, Jornal de Campos e o Jornal do Peñedo.

Estandarte - Hoje pela II horas da manhã, conforme tem sido anunciado pela imprensa, terá lugar a instalação do estandarte do Club Terpsichore. **Doze de Julho**, que será hasteado na frente do edifício onde funciona aquella sociedade, à rua da Constituição, devendo n'esse acto orar o Sr. socio Silvio Pellico.

O modesto titule d'esse Club, derivado da data de sua recente criação merece-nos mui particular sympathy, por avivar ainda mais em nossa espirito a sua saudosa lembrança de um catharinense, cujo nome sempre pronunciaremos com respeito profundo e intima gratidão o qual foi o sol do dia 12 de Julho que, no anno de 1821, nasceu n'esta mesma capital, onde depois de pouco mais de 47 annos, aprovou à Deus que descesse ao tunulo!

Bem haja pois, a illustre associação composta em sua maior parte de patrício do Rev. Padre Joaquim Gomes d' Oliveira e Paiva o distinto catharinense à

que nos referimos, e praza ao Céo que o desfralda d'essa bandeira, que hoje se deverá arvorar com tanto jubilo, exprima a confraternização, o engrandecimento social e o progresso, para maior honra e fulgor do nome catharinense.

Chegada - Chegou, no principio das semanas, do regresso da Freguezia de Garopaba onde se demorara por espaço de dois meses o nosso estimável patrício e amigo o Sr. Major Camillo Jose de Souza, que conforme dissemos em um dos numeros passados alli, fora ocupar-se em trabalhos d'arte na respectiva Matriz.

Todos os amigos do distinto artista desta capital se congratulão, por vel-o de novo em sua companhia.

Domingo 23 do corrente teve lugar a eleição para a nova direcção na S. M. Trajano, a qual teve o seguinte resultado:

Director José Gonçalves da Silva reeleito; Vice-Director João Bertho da Silveira reeleito; Secretario Bittencourt reeleito; Thesourero Domingos José Gonçalves Junior; Procurador Manoel Roque da Silva.

ANNUNCIOS

ALEFAIATARIA

DO

BOM GOSTO

3 LARGO DE PALACIOS Guelfo Zanirati

Tem sempre completo sortimento ad panhos, casemiras e brins.

A prompta obras com toda a brevidade e modicidade nos preços.

Vende-se um binóculo em bona estada; quem quiser comprar pode dirigir-se a esta typografia que se dará informações.

ADVOGACIA

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba, com Escriptorio de advogacia e de negocios Administrativos.

Rua da Pr.inha N. 180

RIO DE JANEIRO

ROL DE ROUPAS

Nesta officina vende-se folhetos encadernados para o mesmo fim.

Preços:

Folheto de.....	25 folhas.....	500
Dito de.....	50 folhas.....	800
Dito de.....	100 folhas.....	1500

Typ. e Lith. de Alex Margarida.

28 Rua de João Pinto 28